

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO DE NUTRIÇÃO**

**INGRID JESIEN**

**PERCEPÇÃO DAS NUTRICIONISTAS SOBRE O SEU TRABALHO NA  
ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DE ITAQUI - RS**

**Itaqui  
2019**

**INGRID JESIEN**

**PERCEPÇÃO DAS NUTRICIONISTAS SOBRE O SEU TRABALHO NA  
ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DE ITAQUI - RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Nutrição da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Nutrição.

Orientadora: Joice Trindade Silveira

**Itaqui  
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

J58p Jesien, Ingrid  
Percepção das nutricionistas sobre o seu trabalho na alimentação escolar de Itaqui - RS / Ingrid Jesien.  
22 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, NUTRIÇÃO, 2019.  
"Orientação: Joice Trindade Silveira".

1. Nutrição. 2. Alimentação Escolar. I. Título.

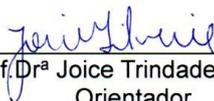
INGRID JESIEN

**PERCEPÇÃO DAS NUTRICIONISTAS SOBRE O SEU TRABALHO NA  
ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DE ITAQUI - RS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Nutrição da  
Universidade Federal do Pampa,  
como requisito parcial para obtenção  
do Título de Bacharel em Nutrição.

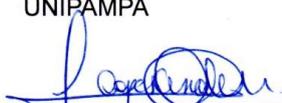
Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09 de dezembro  
2019.

Banca examinadora:



---

Prof. Dr<sup>a</sup> Joice Trindade Silveira  
Orientador  
UNIPAMPA



---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Fabiana Copês Cesario  
UNIPAMPA



---

Prof. Ms<sup>a</sup> Shanda de Freitas Couto  
UNIPAMPA

---

## AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus que me ouviu nos momentos difíceis, me confortou e me deu muita força e fé para que eu não desistisse dessa longa caminhada acadêmica. Agradeço aos meus pais Ernani Claudio Jesien e Ediles Alves Vieira que sempre estiveram ao meu lado me dando todo o apoio necessário, a eles eu devo a vida e todas as oportunidades que nela tive e que espero um dia poder lhes retribuir. A minha querida irmã Stèphanie Jesien, que mesmo de longe sempre me deu apoio e sempre foi e será um exemplo a ser seguido por mim. Meus avós Orestes Pereira Vieira (*in memoriam*) e Tereza Alves Vieira que me ajudaram muito nesta caminhada com todo seu amor e carinho e estavam sempre presentes quando precisei, com uma palavra, um abraço e várias vindas a minha casa para que eu não me sentisse sozinha a vocês meu muito obrigada. A minhas amigas, Ana Cláudia, Andressa, Rosana, Carliza, Núbia, Cássia, Liza e Bethi minhas queridas amigas de caminhada acadêmica, que caminharam junto comigo dividindo tristezas e alegrias, tenham a certeza que levarei vocês sempre no meu coração pois não existem batalha que se ganhe sozinho. Em especial agradecer a duas amigas uma que a universidade me presenteou já no fim da graduação e se tornou muito especial, a amiga Kelly, não teria palavras que expressem a minha gratidão por Deus ter colocado você em minha vida a você meu muito obrigada por todo o apoio a mim dado e a minha amiga irmã de longos anos Daiane que sempre esteve do meu lado com seu ombro amigo pronto para me apoiar e sempre com uma palavra de incentivo quando me sentia desanimada, a você também meu muito obrigada te amo. Agradeço a minha querida Orientadora a professora Joice Trindade Silveira que me acolheu com todo seu amor e nunca desistiu de mim, a você sempre serei grata por todos os ensinamentos passados você é um grande exemplo a ser seguido. A todos os professores do curso de Nutrição meu muito obrigada por passarem todos seus conhecimentos com muita dedicação e carinho para seus alunos.

“A diferença entre o possível e o impossível está na vontade das pessoas”.

Louis Pasteur

## RESUMO

Este estudo teve por objetivo conhecer a percepção das nutricionistas sobre o seu trabalho na alimentação escolar de Itaqui – RS. A abordagem utilizada foi qualitativa, e a coleta de dados realizada através de uma entrevista estruturada. Foram entrevistadas três nutricionistas, mulheres, residentes em Itaqui/RS. De acordo com o relato das nutricionistas, as principais atividades desenvolvidas por elas foram: a supervisão do estoque e verificar o que estava faltando em relação a alimentos, utensílios e materiais de higiene. Também elaboravam e executavam o plano de trabalho anual, seguindo as orientações legais da profissão, realizando atividades como: avaliação nutricional dos escolares, testes de aceitabilidade de alimentos e participação de reuniões com o Conselho de Alimentação Escolar. As principais dificuldades citadas pelas nutricionistas foram: falta de transporte para realização da supervisão, escassez de recursos financeiros para reformas necessárias nas escolas e dificuldades na gestão de pessoas. Este trabalho visa contribuir, através do conhecimento da rotina e das dificuldades de trabalho das nutricionistas que atuam na área de alimentação coletiva- alimentação do escolar, uma maior visibilidade aos problemas relatados por estas profissionais, propiciando melhorias na área e na preparação dos estudantes para assumir o estágio em alimentação escolar, subsidiando melhorias no ensino.

**Palavras-Chave:** Nutrição; Alimentação escolar; Prática Profissional;

## **ABSTRACT**

This study aimed to understand the dieticians' perceptions about your work at scholar feeding of Itaquí/RS. The approach was qualitative, and the collection of data was conducted through a structured interview. Three nutritionists, female, living in Itaquí/RS, were interviewed. According to the report, the main activities developed were checking the stock of food, kitchen utensils and hygiene material. They also elaborated and executed the annual work plan, following the legal guidelines of the profession, performing activities such as: nutritional assessment of students, food acceptability tests and participation in meetings with the School Food Council. The main difficulties mentioned by the nutritionists were: the absence of transportation for supervision, lack of financial resources for necessary reforms in schools and difficulties in managing people. This work aims to contribute, through knowledge of the routine and work difficulties of nutritionists working in the area of collective feeding-school feeding, a greater visibility of the problems reported by these professionals, promoting improvements in the area and preparing students to take over the internship in school feeding, subsidizing improvements in teaching.

**Keywords:** Nutrition; school meals; Professional Practice;

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 RESULTADOS.....</b>	<b>13</b>
<b>4 DISCUSSÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>20</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O nutricionista é um profissional generalista que atua na área da saúde. Sua responsabilidade é promover a segurança alimentar nutricional e a atenção nutricional em todo seu campo de trabalho, auxiliando na melhora do estado nutricional e na manutenção da saúde, tanto de indivíduos como de coletividade (PINHEIRO,2012).

A obrigatoriedade do nutricionista na Alimentação Escolar é definida pelo Conselho Federal de Nutricionistas (CFN), por meio da resolução CFN nº465/2010. Suas competências no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), incluem: planejar, organizar, dirigir, supervisionar, avaliar os serviços de alimentação e nutrição; realizar avaliação nutricional e educação nutricional com os escolares, dentre outras atividades (CFN, 2010). Também é atribuição do nutricionista a responsabilidade técnica do serviço. O profissional que atua na área da alimentação escolar, além de administrar as refeições utilizadas na alimentação escolar, também pode atuar como um disseminador de bons hábitos alimentares, transformando o local de merenda escolar em um ambiente de aprendizagem sobre alimentação saudável (DOMENNE, 2008).

O Brasil conta com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que visa garantir a alimentação escolar e educação alimentar e nutricional a todos os estudantes da rede pública de ensino. O PNAE abrange a Educação básica que é composta pela: educação infantil (para crianças até 5 anos) o ensino fundamental (para alunos de 6 a 14 anos), ensino médio (para alunos de 15 a 17 anos) e a Educação de Jovens e Adultos, seja em escolas públicas, filantrópicas e em entidades comunitárias. O repasse financeiro é feito para os estados, municípios e escolas federais, pelo governo federal.

O objetivo central do PNAE é garantir pelo menos uma parte das necessidades nutricionais dos alunos da rede básica de educação, oferecendo, no mínimo, uma refeição diária que atenda às necessidades nutricionais do aluno no período em que está na escola. O país possui 5.570 municípios brasileiros, segundo dados do IBGE 2018, atendendo de forma universal, em torno de 150 mil escolas, mais de 45 milhões de alunos (IBGE, 2018).

No PNAE, o profissional de nutrição cada vez mais vem ganhando destaque, pois é ele que promove hábitos alimentares saudáveis, respeitado a individualidade

de cada pessoa, como seus costumes e a cultura alimentar de onde reside, na perspectiva da construção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Avanços significativos acontecem quando há uma mudança no aparato legal do programa, e um deles é o aumento na admissão de novos nutricionistas, assim apoiar o nutricionista Responsável Técnico (RT) nas atividades da alimentação escolar (MELLO, 2012).

Ainda que tenha aumentado, de forma significativa, o número de nutricionistas trabalhando no PNAE tanto no Brasil como na região sul, onde destaca-se que entre os anos de 2003 a 2011, o percentual de municípios brasileiros com nutricionistas cadastrados no Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) que rege o Programa, aumentou substancialmente de 12% para 79%, mas ainda esse contingente não é o suficiente. Salienta-se que quanto mais profissionais trabalhando na área escolar, maior será o cumprimento das atividades técnicas do nutricionista (CHAVES, 2013). Constata-se que, quanto maior for o tempo que um nutricionista exerce seu trabalho no Programa, maior será sua experiência e sua capacidade técnica para a realização de suas competências, sejam elas obrigatórias ou complementares (MELLO, 2012).

Ainda, podemos perceber o conflito vivido pelos nutricionistas quando estão em sua prática profissional entre o que é viável realizar com base na sua realidade de trabalho e o que eles gostariam de fazer e consideram importante e surge também uma insatisfação sobre a “baixa valorização do trabalho do nutricionista” na área da alimentação escolar, pois é caracterizada como uma área que “emerge” se comparada aos outros profissionais que trabalham em escolas. Além da grande carga de trabalho, ainda lidam com um número insuficiente de nutricionistas para compartilhar as atividades do dia a dia (HONÓRIO, 2015).

Considerando que as nutricionistas possuem uma grande responsabilidade na execução do PNAE no Brasil, bem como a diversidade de atividades definidas pela legislação quanto à atuação profissional, o objetivo deste estudo foi conhecer a percepção das nutricionistas sobre seu trabalho na alimentação escolar de Itaqui – RS.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 1996), realizada durante o ano de 2017, na cidade de Itaqui/RS. Foram convidadas a participarem do estudo, 4 (quatro) nutricionistas que atuaram na supervisão de estágio da Unipampa (campus Itaqui) na área de alimentação coletiva- alimentação escolar nos anos de 2015, 2016 e 2017. Foi excluída da pesquisa 1 (uma) nutricionista que estava afastada do local de trabalho por motivo de licença de saúde.

Todas as nutricionistas elegíveis para a pesquisa receberam o convite para participar do estudo de forma presencial pela coordenadora do projeto. Após esclarecimentos sobre o tema da pesquisa e o aceite, todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação. A partir deste momento, foram agendados data e horário para a coleta dos dados.

A coleta de dados foi realizada através de entrevista em profundidade (MINAYO, 1996) e feitas de forma presencial. A entrevista possuía um roteiro estruturado que continham questões sobre seu trabalho e sobre sua formação (APÊNDICE A). As conversas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, para a realização da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1979), que possui três etapas: pré-análise, exploração e tratamento. Durante a pré-análise houve organização do material, na exploração a organização das categorias ou tópicos a serem analisados e, em seguida, o tratamento, fase na qual houve a interpretação dos dados.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal do Pampa sob o número 79951717.2.0000.5323.

### 3 RESULTADOS

Participaram do estudo três nutricionistas, que atuam na área da Alimentação Escolar, todas mulheres e residentes em Itaqui – RS. Duas delas tiveram sua formação em instituições particulares e uma em instituição pública localizadas na região central, missões e fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, central. O tempo de conclusão do curso foi de 19 anos, 11 anos e 4 anos. Duas das nutricionistas possuíam especialização, sendo uma na área clínica e uma na área de Unidade de Alimentação e Nutrição (UAN).

As três nutricionistas entrevistadas eram responsáveis pela implementação do PNAE em 12 escolas do município, incluindo área urbana e rural. Todas as entrevistadas tinham como seu local fixo de trabalho a Secretaria Municipal de Educação de Itaqui, e deslocavam-se até as escolas para a visita semanal. Uma das nutricionistas atuava como responsável pelas escolas de educação infantil da cidade e do interior, outra pelas escolas de ensino fundamental, e a terceira estava em treinamento, pois tinha ingressado no cargo recentemente.

As principais atividades citadas pelas nutricionistas na sua rotina de trabalho foram as visitas às escolas e as atividades esporádicas (realizadas uma vez ao ano). Nas visitas às escolas, o trabalho envolvia realizar a supervisão do estoque e verificar o que está faltando em relação a alimentos, utensílios e materiais de higiene. Também era visualizada a higiene das cozinhas e do manipulador, assim como, dadas as devidas orientações aos funcionários.

Conforme relato das nutricionistas, não havia periodicidade para as visitas às escolas, e estas variavam conforme a demanda. No entanto, preferiam realizá-las aleatoriamente, sem aviso prévio, para o acompanhamento de um dia padrão nas escolas. Já as atividades burocráticas, referente a compras e licitações, não eram realizadas pelas entrevistadas pois estas estavam a cargo de uma colega nutricionista que foi excluída deste estudo por estar afastada do cargo durante o processo da coleta de dados.

Em relação às atividades, as nutricionistas relataram a elaboração de um plano anual de trabalho no início do ano, onde é detalhado as ações a serem executadas durante um ano inteiro como a avaliação nutricional que era feita no mês de outubro com os alunos de todas escolas da rede pública municipal (educação infantil e ensino

fundamental) localizadas na área urbana e no interior. Com algumas turmas desenvolviam atividades de educação nutricional, realizavam teste de aceitabilidade de novas preparações e/ou alimentos, e participavam de reuniões com o Conselho de Alimentação Escolar (CAE). É importante salientar que durante o período de realização destas ações nutricionais, somente a escola em que as atividades estavam sendo desenvolvidas era visitada pela nutricionista.

As nutricionistas entrevistadas quando perguntadas o que está bom e o que precisava ser melhorado no seu trabalho no trabalho, relataram algumas dificuldades no seu trabalho. Uma delas foi a estrutura oferecida pela Secretaria de Educação para realizarem as visitas nas escolas, pois o deslocamento depende tanto da disponibilidade das nutricionistas quando do meio de transporte. No depoimento de uma das nutricionistas podemos ver bem clara essa dificuldade: *“as visitas dependem do transporte, nós temos um carro que fica disponível toda a manhã para a Secretaria da Educação (...) e, além do nosso trabalho (...) outras pessoas precisam do transporte também. Muitas vezes a gente não consegue no horário que quer no dia que quer.”*

Outra dificuldade mencionada foi a falta de recursos financeiros para reformas na estrutura física das cozinhas escolares, que, muitas vezes, encontram-se em precariedade. Na fala de uma das entrevistadas: *“(...) nós temos uma escola do interior que é precaríssima (...) chove dentro (da cozinha) (...) eu fui fazer uma visita num dia de chuva tive que falar com elas pelo lado de fora por que elas estavam trabalhando todas equipadas por que não tinha condições... era alagada a cozinha, em função de não ter um forro bem feito e de não ter a melhoria que deveria ter”*. Relataram que elas, há alguns anos, entraram com um projeto na prefeitura para a reforma, porém o mesmo está parado por questões financeiras.

Elas relataram que a falta de condições adequadas, como uma cozinha bem planejada, influencia muito nas exigências feitas aos colaboradores, pois como não conseguem oferecer uma condição adequada de trabalho, elas acabam por não poder fazer exigências maiores e acabam sendo mais tolerantes com certas atitudes e comportamentos que não seriam adequados, como trazer produtos de uso doméstico para utilizar na cozinha escolar, pois as merendeiras recebem um detergente por semana para utilizar. Aliado a isso, também foi citado como uma dificuldade a parte financeira do setor público, uma delas relatou em relação a matérias de higiene e

limpeza : *“depende de coisas, de pessoas, burocracia, verba... .. eles te jogam um” balde de água fria”, tu te sentes incapaz, porque o que tu vais fazer?”.*

As nutricionistas também falaram sobre a falta de preparo para a gestão de pessoas. Elas entendem que para o que serviço de alimentação escolar funcione, elas necessitam contar com o trabalho da forma certa por parte das merendeiras, e isto nem sempre acontece: *“...Não estamos na escola todo o tempo, então nós dependemos que elas façam o que a gente pediu, o que a gente orientou na capacitação... e na realidade a gente não sabe se elas estão fazendo, por que tu vai fazer uma visita uma vez por semana ... chega lá e tem a sorte de ver ou não algo que está irregular”.* As dificuldades de relacionamento variam entre as escolas, acontecendo algumas vezes entre nutricionista e colaboradoras e até somente entre as colaboradoras.

Foi também mencionado a falta de autonomia, por parte delas quanto por parte de outros setores da secretaria, para realizarem mudanças e aplicar alguma penalidade, quando for julgado necessário, a funcionários que descumprissem as normas do serviço. Uma situação relatada foi que já houve suspeitas, em anos anteriores, de desvio de alimentos dentro de algumas escolas. Porém, com visitas esporádicas não é possível observar e descobrir o que realmente está acontecendo. Ainda o trabalho em parceria com a direção não ocorre em todas as escolas, e isso dificulta o controle e a supervisão.

Duas nutricionistas entrevistadas fizeram uma autocrítica sobre a organização no seu trabalho relacionado a compras e padronização das preparações. Elas consideraram que é preciso melhorar o planejamento de compras da alimentação escolar, pois trabalham sem ter uma unidade, com cada nutricionista trabalhando separadamente em uma etapa do trabalho. Por exemplo, a nutricionista responsável pelas compras as efetua sem consultar as nutricionistas que efetivamente vão às escolas. Dessa forma, os cardápios são planejados posteriormente à chegada dos alimentos e ocorre uma falta de controle da quantidade de produtos existentes nas escolas. Isso tem deixado o serviço com uma imagem negativa em algumas escolas. Conforme um relato: *“A gente precisa ser melhor bem vista nas escolas! (...) . “Elas nos veem lá na frente e só falta ter um sininho, é um esparrame de gente”.*

## 4 DISCUSSÃO

Em relação ao perfil, observou-se que duas das três nutricionistas supervisoras de estágios, já tinham uma carreira de trabalho consolidada e uma tinha concluído a graduação de Nutrição há 2 anos, por isso não tinha muita experiência na área de nutrição e, no momento da entrevista, ela estava sendo apresentada para as escolas e treinada e por enquanto sem uma função definida. Apesar de duas das nutricionistas entrevistadas possuírem experiências já em outras áreas, elas estão na área de alimentação escolar há pouco tempo, alguns meses. No Brasil a obrigatoriedade de se ter nutricionistas como responsáveis pela alimentação escolar é relativamente recente (BRASIL, 2006), se comparando com o ano de lançamento do Programa Nacional de Alimentação do Escolar (PNAE) (CHAVES, 2013).

As prefeituras do país têm procurado adequar-se à lei, o que acabou gerando um considerável aumento nas contratações de nutricionistas, no entanto esses números ainda são reduzidos. Na região sul, por exemplo, em 2017, 17,6% dos municípios ainda não tinham o quantitativo mínimo de nutricionistas na alimentação escolar, elas atuavam sozinhas no município, não contavam com nenhum profissional no quadro técnico (CORRÊA, 2017). No município analisado, o número mínimo de quatro nutricionistas exigido pela legislação foi alcançado há menos de 1 ano – na época da realização da pesquisa, observou-se que eram três nutricionistas da área escolar que responderam à pesquisa, e uma também da área escolar que no momento da pesquisa estava afastada, totalizando 4 nutricionistas no município.

Foi observado nas entrevistas uma certa preocupação com o órgão fiscalizador da profissão, Conselho Regional de Nutricionistas (CRN). A forma da organização do trabalho tinha por base a legislação e no cumprimento da mesma. Essa ação é fundamental, pois as nutricionistas trabalham há poucos anos no serviço e a legislação fornece o apoio e direcionamento necessários, porém, cabe questionar se, ao limitarem sua atuação aos quesitos legais, as profissionais não estariam contribuindo para o distanciamento da escola, onde é que realmente acontece a alimentação escolar, e dos alimentos, nossa principal ferramenta de trabalho. Esse distanciamento das demais escolas é ainda aumentado durante os períodos de avaliação nutricional, atividade que leva em torno de 1 a 2 meses, onde as nutricionistas

ficam somente na escola que estão realizando a atividade sem fazer as demais visitas em outras escolas.

Supervisionar a atividade produtiva e zelar pela sua qualidade é uma das atividades obrigatórias do nutricionista (CFN, 2009), sendo, inclusive, uma das atividades mais relatadas entre as nutricionistas que trabalham na alimentação escolar (CORREA, 2017).

Honório e Batista (2015) sugerem que outros fatores como a desvalorização do profissional e o baixo reconhecimento social podem estar relacionados com a não realização de algumas das atividades do nutricionista.

A legislação não detalha como deve ser essa supervisão, pois ela pode variar conforme número de horas, alunos, mas sabe-se que na alimentação coletiva esse trabalho envolve monitorar a qualidade sanitária, verificar se os funcionários seguem o manual de boas práticas de manipulação e orientá-los, acompanhar o processo produtivo, os fluxos, dentre outras atividades que também requerem o envolvimento com a realidade que cada escola vive.

Uma baixa frequência às escolas, torna muito difícil essa supervisão mais de perto, assim prejudicando o serviço como um todo.

Essa presença esporádica pode ser o motivo pelo qual as supervisões sejam vista com caráter fiscalizador. Supervisionar é mais amplo do que fiscalizar. O primeiro relaciona-se com responsabilidade conjunta, interna, já o segundo, com uma verificação externa. Uma sugestão que talvez pudesse aproximar as nutricionistas e as funcionárias seria a modificação do posto de trabalho, de forma eventual, para as escolas de forma que elas não tivessem a necessidade de comparecer na Secretaria da Educação todos os dias, e cumprissem a sua carga horária nas próprias escolas. Essa modificação poderia ser feita, ao menos, em escolas próximas do local de trabalho atual, de forma que precisariam de menos deslocamentos dentro da cidade. Sem prescindir da melhoria das condições de trabalho, a supervisão dos serviços poderia ser melhor executada.

No entanto, sabe-se que condições inadequadas de trabalho acarretam em deficiências na qualidade (BOOG, 1989). Neste trabalho, conforme relatado pelas nutricionistas, a falta de condições adequada de estrutura, como a falta de transporte a disposição para realização das visitas mais seguidas, limita a presença das nutricionistas nas escolas.

Outro importante problema citado pelas nutricionistas foi a gestão de pessoas, pois elas compreendem que para o trabalho funcione bem elas têm que contar com uma equipe bem preparada, mas isto nem sempre acontece. Um estudo feito por (SCARPARO, 2012) observou que o relacionamento com as merendeiras é bem difícil, pois elas são muito resistentes a cumprir as boas práticas e a dialogar.

Um dado que desperta atenção é que as nutricionistas falaram da falta de autonomia para poderem realizar mudanças que julgassem necessárias. No, trabalho de Scarparo houve semelhança de resultados, verificou-se que a maior parte das dificuldades se concentra na parte de gestão, e estão centradas na gestão de pessoas. Ressaltam a resistência dos diversos atores do PNAE à mudança. Além disso, os nutricionistas declaram ter muitas dificuldades com os gestores, que não valorizam o Programa e não têm conhecimento sobre o trabalho do profissional de nutrição, gerando ausência de autonomia e falta de apoio da administração para o desenvolvimento das atividades. O relacionamento com os manipuladores é outro fator que foi citado, gerando muita dificuldade de comunicação. (SCARPARO, 2012).

As nutricionistas relataram a dificuldade com os gestores que têm falta de conhecimento sobre o trabalho delas e percebem uma desvalorização do PNAE (MELLO, 2012). Um estudo sobre o PNAE, na região nordeste do Brasil, fala da importância das atividades para o bom andamento do programa, sendo indispensável a criação de condições boas de trabalho, organização do quadro de pessoal e fazer com que os atores do PNAE tenham um trabalho integrado, a fim de facilitar a criatividade e a autonomia do nutricionista no serviço.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As nutricionistas entrevistadas mostraram-se conscientes em relação as atividades de sua responsabilidade, de acordo com a legislação vigente, no trabalho desempenhado na área da alimentação escolar. No entanto, também foram relatadas algumas dificuldades para a execução correta de todas as atribuições exigidas, entre elas estão: a falta de verba e de uma estrutura que as permita estar mais presente nas escolas, falta de autonomia e a dificuldade de gestão de pessoas.

Acredita-se que isso possa estar ocorrendo por falta de atenção da gestão a essas profissionais. A escuta da gestão em relação aos anseios e barreiras relatados pelas nutricionistas, poderia vir a sanar esses problemas para que o trabalho possa fluir de uma forma mais eficaz fazendo-se cumprir assim, todas as atividades previstas na legislação.

Os resultados obtidos, incrementam as publicações existentes na área e contribuem para os avanços nas pesquisas, na área de alimentação coletiva – alimentação do escolar, onde as publicações são escassas. Faz-se necessário ainda mais estudos sobre o tema, afim de aprimorar a prática profissional do nutricionista atuante na saúde do escolar.

## REFERÊNCIAS

1. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
2. BRASIL. Resolução CFN no 465/2010. **Dispõe sobre as atribuições do nutricionista, estabelece parâmetros numéricos mínimos de referência no âmbito do Programa de Alimentação Escolar e dá outras providências**. Diário Oficial da União 2010; 25 ago.
3. BRASIL. Resolução CFN no 465/2010. **Dispõe sobre as atribuições do nutricionista, estabelece parâmetros numéricos mínimos de referência no âmbito do Programa de Alimentação Escolar e dá outras providências**. Diário Oficial da União 2010; 17 nov.
4. BRASIL. Conselho Federal de Nutricionistas (CFN). **Dispõe sobre a responsabilidade do nutricionista quanto às atividades desenvolvidas por estagiários de nutrição e dá outras providências**. Brasília, 2009.
5. BRASIL. Ministério da Educação. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação [Internet]. Alimentação escolar**. [acessado 2019 nov 18]. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/index.php/programasalimentacao-escolar>.
6. BOOG, M.C.F. et al. **Situação profissional dos nutricionistas egressos da PUCCAMP**. Rev. Nutr. v.1, n. 2, p. 139-52, 1988.
7. CHAVES, L.G; SANTANA, T.C.M; VASCONCELOS, F.A.G. **Reflexões sobre a atuação do nutricionista no Programa Nacional de Alimentação Escola no Brasil**. Rev.Ciênc.saúde coletiva, v.18, n. 4 p. 917-926 2013.
8. Conselho Federal de Nutricionistas. **Inserção profissional dos nutricionistas no Brasil**. Brasília: CFN;2006.
9. CORRÊA R et al. **Atuação do nutricionista no Programa Nacional de Alimentação Escolar na região Sul do Brasil**. Rev.Ciênc.saúde coletiva. 10, n.1, p. 66-71,2017.
10. DOMENNE, S.M.Á. **A escola como ambiente de promoção da saúde e educação nutricional**. Psicol USP. v. 19, n. 4, P. 505-517, 2008.

11. HONÓRIO, A.R. F; BATISTA, S.H. **Percepções e demanda de nutricionistas da alimentação escolar sobre sua formação.** Trab Educ e Saúde, v. 13, n. 2, p. 473-492, 2015.
12. MELLO, A.L et al. **Perfil do nutricionista do Programa Nacional de Alimentação Escolar na região nordeste do Brasil.** Rev. Nutri, v. 25, n. 1, p. 119-132, 2012.
13. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 6a Edição. Petrópolis:** Editora Vozes, 1996.
14. SCARPARO, A. L. S et al. **Formação para nutricionistas que atuam no Programa Nacional de Alimentação Escolar: uma avaliação da efetividade.** Rev.Ciênc. saúde coletiva. v.18, n.4; p. 473-492, 2012.
15. SOUZA, M. et al. **Atuação do nutricionista no Programa Nacional de Alimentação Escolar na região sul do Brasil.** REV. ASBRAN. v10, nº1; p. 66-71, 2019.

## APÊNDICES

### Entrevista

Dados pessoais:

Sexo: ( ) M ( ) F

Idade: \_\_\_\_ anos

Ano de formatura:

Formação: ( ) Graduação ( ) Pós-graduação. Qual? ( ) Especialização ( ) Mestrado ( )  
Doutorado

Atuação profissional:

Cargo que ocupa:

Tempo na empresa:

Jornada de trabalho:

Sobre o trabalho na alimentação coletiva:

1) você poderia falar um pouco sobre a sua trajetória profissional e como se deu a sua ida para a área de alimentação coletiva? Se houve troca de empregos: perguntar quais os motivos que a levaram a trocar de emprego?

2) como é um dia típico de trabalho seu?

3) você gosta do seu trabalho atual? Por quê?

4) Como você avalia o trabalho na área de alimentação coletiva? O que está bom e o que precisa melhorar?

5) houve algum momento em que se sentiu incapaz de resolver ou buscar soluções para problemas profissionais? Qual?